



**Grupo MCE, constituído por:** Ana Grácio, Diogo Simões, Inês Borges, Joana Teixeira Duarte, Luísa Jacinto, Mariana Cruz, Mário Coelho

Uma das perguntas centrais com que começamos a nossa reflexão grupal foi: na Igreja fala-se dos problemas que existem no mundo? E de facto, as repostas que obtivemos foram pouco positivas. Sentimos que, no geral, os problemas mundiais só são falados quando já apresentam uma enorme complexidade e se encontram na boca do Mundo. Em assuntos inicialmente pequenos, a Igreja não se parece pronunciar, como por exemplo, no início do conflito atual entre a Rússia e a Ucrânia. Sentimos que a Igreja, como instância que representa uma responsabilidade moral e espiritual maior, deve ter o dever de se pronunciar sobre questões que interferem na vida de todos, de modo a fazer-se ouvir e mostrar a sua posição perante os mesmos, alertando toda a gente para o questionamento e o desenvolvimento de espírito crítico. Queremos uma Igreja que esteja a par das situações incómodas e desconfortáveis sobre as quais a humanidade se impõe a si mesma e queremos um discurso que não se limite às opiniões já conhecidas (é necessário fomentar o diálogo inter-religioso, criando novas perspetivas). Queremos ouvir mais sobre a crise ambiental, sobre a proteção da terra e a preservação dos ecossistemas, antes que estes entrem num colapso irreversível. Queremos uma maior abertura perante questões da sexualidade e não um discurso que nos oprima e crie vergonha perante uma possibilidade biológica que é o prazer sexual, em qualquer feitio e forma que ele seja – desejamos aceitação, acolhimento e inclusão perante a diversidade biológica e as suas diferentes formas de expressão. Queremos uma maior atenção perante a saúde mental de todos, tanto jovens como adultos e idosos – os dados de 2021 de Portugal mostram que nos primeiros nove meses se compraram mais de 15,7 milhões de ansiolíticos, sedativos, hipnóticos e antidepressivos. Achamos também ser inconcebível a desresponsabilização e o encobrimento que existe dentro da Igreja, perante os casos de pedofilia, sendo que só em França se registaram mais de 330 mil casos de crianças abusadas

nos últimos 70 anos – a inquietação e até mesmo a revolta perante uma Instituição moral que não assume o problema e que cria sobre si uma imagem obscura e muitas vezes duvidosa é então totalmente compreensiva e justificável. Ficou a pergunta: como nos podemos assumir numa Igreja que não aceita o inconveniente e o escandaloso, especialmente tendo a responsabilidade moral que tem?

Daqui adveio outra questão que persentimos: a falta de autonomia geral do corpo da Igreja. O modo como a hierarquia está constituída cria inconvenientes à flexibilidade necessária para a criação de mais grupos de reflexão, ficando estes tipos de questões limitadas ao pequeno núcleo eclesial - achamos ser fundamental haver uma harmonia perante a Palavra e a Ação e apoiamos iniciativas, que abranjam toda a sociedade coletiva, de modo a poder acolher também aqueles que não têm voz, os marginalizados, e aqueles que simplesmente não têm fé, mas têm esperança e querem contribuir. Contudo, sentimos que para que isto possa acontecer, é primeiro preciso que dentro da própria Igreja se crie um espaço de vulnerabilidade e aceitação da dúvida – se fôssemos tentar cumprir exatamente tudo aquilo que é pedido, então não seria possível ser-se católico. Achamos fundamental uma desconstrução dos ares tradicionalistas e autoritários, que fazem os outros sentirem-se frágeis na sua fé, e até mesmo em dívida perante uma fé que parece ser absoluta e inabalável. Sentimos que esta máscara de superioridade cria uma Igreja falsa, uma *Igreja de Instagram*, em que só se vê o que se quer publicar e não a realidade da comunidade. Dar liberdade e asas às pessoas, dando também atenção ao acolhimento da dúvida, da crítica e da insegurança, é fundamental para que se possa construir um espaço onde a escuta é sincera e a discussão é rica e faz florescer em nós a Comunhão, Participação e Missão.

Grupo de reflexão sinodal MCE:  
e na Sociedade

Ana Grácio,  
Francisca Fontes,  
João Marques,  
Mariana Cruz,  
Mário Coelho.

Tema 6: Diálogo na Igreja